

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

TIÃO

JAIME PRADO GOUVEIA

2º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

Mal acordado ainda, o aniversário já desordenava o dia, as cobertas jogadas comprovavam. Abriu a porta da cozinha só pela metade vestida do pijama para se certificar dos brigadeiros, as cervejas, quantos engradados, os salgadinhos. Provar, a mãe foi logo dizendo só depois, mais tarde, dividindo a nervosia entre os respingos de gordura e o vento vindo da porta. Se separaram aí, ela cuidaria de tudo. Alceu se impedia até da barba, era melhor deixar para fazê-la mais para a hora da festa, tão cerrada crescia. Parou a decisão entre o nada imediato e os planos se agitando na monotonia da sala. Fora o cheiro dos doces as coisas eram as mesmas, insinuavam necessidade de mudar algo, não era um dia igual. A providência foi ir ligar a eletrola, escolhedor do mais especial, um com a letrinha da namorada tremendo na dedicatória um eu te amo de tímida convicção. A mudança era só no ar. Licenciado de ajudar nos trabalhos da casa, ficaria ali recostado, imaginando as decorrências. Pensava com sigilo, quais seriam? Desandou de enumerar as pessoas chegando, a mãe saberia como servi-las. Depois, a turma reunida na varanda para os pastêizinhos e a batida, aquela conversa de sempre. O disco vinha trazendo os melhores instantes. Ana Maria viajando, já não contava

com ela. Mas dava até uma folga, poderia se dedicar melhor aos outros, e mesmo para o mais importante de tudo: fazia o cenário para o pai chegando de repente, há dias pensava nisto. E chegaria assim, pelo meio da festa, os amigos teriam de compreender seu afastamento, os anos tão longe, o susto entre o mais velho e o quase homem. Ia pensando, evitava que alguém o barrasse na porta com cumprimento ou censura, se irritava antecipado. E foi inventando as exclamações que no momento sabia que sairiam com choro, ou talvez ficassem por ali mesmo, entalando, no cheiro de viagem e cerveja.

Foi lá dentro buscar as garrafas vazias, cumprir sua parte. A sala, novamente silenciosa, se economizava para a noite. Alceu, medindo o pêso da sacola, imaginava o problema da volta, a alça de corda perigosa de cortar a mão. Mas, de pouca distância até o bar, largou essa preocupação.

O bar tinha Júlio e Toninho na mesa do fundo, começando cedo. E discutiam, deviam estar ali desde manhãzinha, ou varando a noite. Um outro veio de lá e foi se sentar num caixote do lado de fora da porta, tropeçando, faltava ar ali dentro. E bem a tempo. Mal chegou à rua jogou o vômito ao meio-fio. juntando ruídos a palavrões, se xingava aos jorros. Peixoto veio xingando atrás dêle, teria de limpar tudo depois. Esperou um pouco, o outro nem ouvia. Até que parou. O caixote balançava ainda, mal-solidário, seguindo as vacilações de suas pernas, patinavam a sujeita. Peixoto o segurou na hora. Depois veio vindo lavar as mãos, era melhor deixar o bêbado ali mais um pouco tomando ar. Tinha raiva, jurava nunca mais servir cachaça àquele sujeito. Alceu concordava repugnância, ainda que um pouco distraído, mal saído de seus planos. Quanto às bebidas podiam estar quentes — ficariam na geladeira mesmo, — amenizava. Júlio chegou para perto, tinha uma coisa para contar. Foi quando se lembrou dos amigos ali, voltava o dia onde o tinha interrompido.

Ponderava, a fala do amigo tinha seus cuidados. Custou muito a chegar no assunto, um outro programa para a noite. Júlio falava demais, no exagêro das vantagens, como fariam. Queria o tato de não magoar. Uma festa, na casa das cariocas,

assanhava a lembrança de Alceu. Depois, seria até melhor, um convite para êle também, beberiam um tanto e mais tarde era aproveitar que Ana estava viajando, iriam dançar com elas. Alceu aceitava em silêncio, era uma sugestão resolvida. Combinaram para as onze e meia, ali mesmo. E pensando bem, assim teria mais tempo para o pai, o desajeito de deixá-los, as explicações. Iria com êles.

Saiu pulando o vômito na porta, reparando mais no caiote, de pêras argentinas. Tinha sua graça, ironia enjoativa. E se enjoava, não olharia mais. A sacola pesava, os degraus que o pai subiria, entre meio receioso, ajudavam a amarrotar um pouco os dedos, a alça de corda. Mais um pouco, terminava aí sua tarefa, a mãe era quem sabia a maneira de dispôr as garrafas na geladeira. Agora, voltar para a sala, ficar ouvindo música, gastar no pouco a pouco o dia chegando muito importante.

Depois do banho é que vinham os pontos de mais cuidado. Cantarolava o talco pelo corpo, um óleo no cabelo, precisava combinar bem a cara de dezoito anos. O copo de uísque sôbre o ladrilho da banheira dava seu requinte entre as baforadas intermitentes do cigarro um pouco molhado pela espuma da barba sendo feita. Um quadro de homem. Alceu procurava um ou outro cravo, os espremia com toque de não marcar o rosto. Empurrou o chinelo até a porta do banheiro, acabando de ver no espelho se não faltava mais nada. Na cozinha, o copo vazio podia ficar ali na pia mesmo. De tantos limpos, tirou um outro de qualquer maneira enquanto procurava a cerveja mais gelada. Levou-os para a sala, o disco de Ana Maria já esperava na agulha desligada. O paletó sôbre o sofá, a gravata ainda livre, êle já podia se sentar, ficar ali à-toa, terminar os barulhos. Só a música como viva, em volta, acompanhando o frio do copo nas mãos levemente cruzadas, até que a luz do poste marcou pela vidraça a noite chegando.

A mãe na copa com os tios desculpava a ausência de Alceu, sôzinho na sala. Falava se perguntando pelos amigos, que o filho sentia muito a falta dêles. Êle ouvia os pedaços da conversa pouco se animando de consertá-la. Vez em vez passava

por êles para ir à cozinha, espalhando um sorriso qualquer para os comentários. O copo cheio de nôvo, voltava para a sala quase se esquecendo de fazer alguma pergunta respeitosa, despistadora da filha. Justificava sem motivo que a namorada estava viajando, queria saber como ia de saúde o tio João na fazenda. Coisas de rápida dissipação. Com o disco se acabando lá dentro, pedia licença e a sala o reencontrava, bem conhecida das posturas. E se fechava, sabedor do relógio daquela noite.

Já bem tarde a mãe o chamou para as despedidas. Foi com os parentes até à rua, ouvindo os semiternos sermões, na falta do pai, a idade importante agora. A casa voltou aos dois, o silêncio de Alceu perguntando à mãe. Ela sabia por si. Disse, bem devagar, olhasse na gaveta, um envelope. Ela esperava a resposta da surprêsa. Adivinhou logo: a assinatura num cheque azul. Engasgaram um olhar. Alceu não agradecia, ela já podia compreendê-lo, o que não daria jamais. Pediu que a mãe guardasse o presente, os amigos o esperavam no bar, voltaria cêdo. Mais brusco do que queria: os mesmos degraus vazios. Deu só um beijo nela.

O bar meio fechado era muito tarde para encontrar a turma. Mesmo por ser a festa tão longe, Júlio, Toninho, Ana Maria, o pai, a casa das cariocas devia estar cheia de gente. Tomou alguns conhaques rápidos, qualquer marca, pouco suportando aquelas conversas se fundindo. Queria bebida com gêlo, o calor pesava fumaça. Deixou que Peixoto o servisse por sua conta, emendando amargura, a manga do paletó se molhava no balcão. Foi bebendo até lá dentro. A turma já tinha ido embora mesmo, eram só uns bêbados cantando. Voltou empurrando vagamente, avulso, derramando na roupa dos outros. O ar fechava muito depressa. Na porta a noite estava muito escura, o caixote no mesmo lugar. Sentou-se nêle, rindo chorando das pêras argentinas, o céu cada vez mais fechado, até que o copo se espatifou no meio da rua espalhando uns cacos quase sêcos.